

Este volume da *Revista do GEL* traz dez trabalhos de pesquisadores brasileiros de diversos centros de pesquisa. Como se poderá notar pela abrangência dos temas aqui apresentados, a *Revista do GEL* se consolida como meio de divulgação de pesquisas na área de Letras e Linguística, no país. Apresentamos trabalhos que se dedicam (1) a questões relativas a ensino, análise e descrição da língua em uso; (2) à aquisição de linguagem, especialmente no caso da aquisição por crianças com dificuldade; (3) à Literatura brasileira, com destaque especial para a obra de Guimarães Rosa, e, por fim, (4) ao exame do discurso, nas perspectivas da análise dialógica e da Análise do Discurso de língua francesa.

Em “Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo”, Michel Gustavo Fontes propõe uma abordagem hierárquica da gramaticalização, especialmente, a casos renovadores de gramaticalização, localizando-os de maneira específica no Nível Morfossintático. Tendo como base o aparato teórico-metodológico da Gramática Discursivo-Funcional, e tomando como corpus de análise a estrutura das interrogativas de conteúdo do português, o autor defende a emergência da construção-*é que* e da construção-*que*, nas interrogativas de conteúdo do português, como um caso de gramaticalização e aponta mecanismos de análise que, no interior da GDF, dão conta de abordar hierarquicamente tal processo de mudança linguística.

No artigo intitulado “Marcadores metadiscursivos multimodais nos verbetes de dicionários de aprendizagem de inglês”, os autores Lorena Américo Ribeiro e Antônio Luciano Pontes analisam, com base nos dicionários *Oxford Essential Dictionary* (2009) e *Collins COBUILD Illustrated Basic Dictionary of American English* (2010), os recursos multimodais que desempenham a função metadiscursiva de diferenciadores das informações que compõem os verbetes. Segundo os autores, os marcadores metadiscursivos funcionam como diferenciadores de informações no interior dos verbetes, apresentando, em ambos, elementos não verbais diversos que estabelecem um contraste visual entre as diferentes informações que os compõem. Assim, tomar o dicionário como material didático exige que os alunos, em sala de aula, recebam do professor instruções adequadas que permitam interpretar e utilizar corretamente os seus verbetes.

Gloria Maria Monteiro de Carvalho e Maria de Fátima Vilar de Melo, no artigo “Ecolalia e música: a linguagem no autismo”, discorrem sobre a ecolalia no autismo, entendida como forma da “resistência oferecida pelo corpo da criança à perda do som,

isto é, à implantação do significante”, tendo em vista, especialmente, as proposições psicanalíticas que afirmam que, para se tornar falante, “a criança precisa *perder/esquecer/recalcar*” a dimensão sonora da voz e conservar o sentido. Segundo as autoras, partindo da hipótese de que a música poderia ser uma porta de entrada para o significante na pessoa autista, o trabalho permitiu chegar a conclusões que indicam que crianças e adolescentes com hipótese de autismo, por algum motivo, teriam ficado presas à sonoridade da voz materna, conservando a dimensão significante do som, instaurando desse modo um obstáculo para o desenvolvimento de sua subjetividade.

Em “Relação entre a matriz linguística multimodal e atenção conjunta de criança com síndrome de Down”, Ivonaldo Leidson Barbosa Lima, Isabelle Cahino Delgado e Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante analisam a relação entre as produções linguísticas e a atenção conjunta de uma criança com síndrome de Down em processo de intervenção fonoaudiológica. De um modo geral, segundo os articulistas, foi possível constatar um aumento das produções linguísticas da criança com síndrome de Down, bem como de sua inserção em cenas de atenção conjunta, graças ao avanço da idade e à intervenção fonoaudiológica, o que culminou, ainda, na diminuição do predomínio dos gestos no discurso infantil, na medida em que aumentaram as suas produções vocais.

Em “Paratextos em antologias de crônicas”, Caroline de Moraes e Flávia Brocchetto Ramos analisam elementos paratextuais de três antologias que fazem parte do acervo do PNBE, Ensino Médio. As autoras buscam analisar aspectos de prefácios, orelhas ou desdobros, capas, lombadas, quartas capas, na esteira das reflexões de Gérard Genette. Nesse sentido, apresentam os elementos paratextuais como elementos paratextuais que favorecem a recepção da obra, pois permitem a sua contextualização, ampliando, muitas vezes, a compreensão do leitor diante do exemplar.

Em “Tensividade e intersubjetividade no conto ‘A menina de lá’, de *Primeiras estórias*”, Eliane Soares de Lima, valendo-se, principalmente, das reflexões de Luiz Tatit em *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*, propõe uma análise da configuração tensiva que subjaz ao conto “A menina de lá”, centrando-se nas operações sintáticas que estão na base da estruturação narrativa e discursiva da trama. Conforme indica a autora, a construção das personagens estaria baseada em “formulações tensivas opostas que impedem qualquer entrosamento imediato”, opondo a suavidade e a desaceleração de Nhinhinha à celeridade dos seus parentes, revelando assim o caráter concessivo de sua relação intersubjetiva com os que a cercam.

Tendo também como pano de fundo o texto rosiano, Saul Cabral Gomes Jr., em “A inferência lexical como recurso para a leitura de Guimarães Rosa”, busca apontar para a importância da inferência lexical no processo de leitura do texto de Guimarães Rosa. Desse modo, partindo da noção de *neologismo*, o autor demonstra que são dois os contextos de inferência fundamentais para a compreensão dos neologismos rosianos: aquele que se organiza por *contraste e comparação* e aquele que se organiza segundo procedimentos de *conotação*. Desse modo, conclui Gomes Jr. que “a língua é alçada permanentemente ao estado metafórico”, o que permite que suas possibilidades linguísticas sejam multiplicadas pela “inventividade do falante”.

Aline Leontina Gonçalves Farias, Elisandra Maria Magalhães e João Batista Costa Gonçalves propõem, no trabalho intitulado “Atos ilocucionários e compreensão responsiva: a dimensão dialógica dos atos de fala em diálogos de autoconfrontação”, uma reflexão de base pragmática para se pensar o campo da ergonomia da atividade. Tendo como ponto de partida uma discussão sobre o caráter interativo da linguagem cotidiana, como vista atualmente pelos estudos pragmáticos, os autores reconhecem de modo bastante evidente como se dão as convergências com os estudos bakhtinianos sobre dialogismo, sobretudo com a noção de compreensão responsiva, e com o que a ergonomia da atividade tem buscado em suas pesquisas-intervenções.

No artigo intitulado “A alegria paradoxal: o riso carnavalesco como filosofia trágica”, Kátia Vanessa Tarantini Silvestri, apresenta uma reflexão sobre os conceitos de carnavalização, alegria paradoxal e a filosofia trágica. O trabalho propõe uma interessante correlação entre manifestações populares recentes e o discurso humorístico, em duas concretizações distintas: *stand up* e programa televisivo. O trabalho aponta para o reconhecimento, pelos sujeitos envolvidos nas práticas discursivas analisadas, da precariedade da existência e da efemeridade do humor que, ainda assim, é a instância que “o salva da [loucura]”.

Por fim, no artigo “Será que vai aparecer um *boy* na sua vida?': análise linguística do discurso de autoajuda para adolescentes”, Cláuberson Correa Carvalho e Marize Barros Rocha Aranha distinguem, ao analisar textos da revista *Capricho*, o discurso de autoajuda para adolescente do discurso de autoajuda tradicional. Para os autores, em *Capricho* há um procedimento de atenuação do discurso tradicional, frequentemente marcado pela autoridade, que cria uma cena discursiva “mais espontânea, menos rígida” em que o sujeito enunciador assume a forma do “amigo”, daquele que permite tratar com proximidade, e alguma intimidade, de temas caros ao universo adolescente, conservando ainda o aspecto assertivo próprio ao discurso de autoajuda.

Em um momento de crise política, social e científica, que tem gerado polarizações e radicalismos, recrudescimentos e retrocessos, é com algum alívio que reconhecemos que as áreas de Letras e Linguística podem unir-se em torno de objetivos comuns, marcados, principalmente, pela *liberdade de pensamento* e pelo exercício de sua *independência científica*, gestos que somente fazem confirmar o rigor e a atualização científicos da pesquisa brasileira, como bem demonstram os trabalhos aqui publicados.

Neste primeiro volume do ano de 2018, devemos ainda agradecer à Diretoria do GEL (biênio 2017-2019) pelo apoio de sempre, aos colegas colaboradores que, ao emitirem pareceres, garantem a qualidade da sua avaliação, e à equipe da editora Letraria, que já há algum tempo tem nos auxiliado na revisão e na diagramação da revista.

Assis, 07 de abril de 2018.

Matheus Nogueira Schwartzmann  
Editor da Revista do GEL